

Vestimentas Cerimoniais e Espacialidades Festivas nas Folias de Reis em Valença (Rio de Janeiro, Brasil)

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.17>

Mariana da Costa Fernandes

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0440-7938>
marianadcf13@gmail.com

Patrício Pereira Alves de Sousa

Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4347-7557>
patricio.sousa@cefet-rj.br

Resumo

O texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica que se ocupa das Folias de Reis, manifestação religiosa amplamente presente no Brasil e que se caracteriza pela realização de rituais natalinos dedicadas à celebração dos três reis magos, ao menino Jesus e ao Divino Espírito Santo. Na comunicação, apresentamos as questões principais da investigação, baseadas na análise de como os significados atribuídos pelos foliões aos trajes rituais participam da composição do espaço festivo das Folias de Reis e, especialmente, a discussão teórica sobre as temáticas “espaços festivos” e “vestimenta e identidades” já realizadas a partir de revisão bibliográfica. Metodologicamente, a pesquisa desenvolve-se a partir da descrição densa dos simbolismos das paisagens valencianas em seu tempo ordinário e em seus momentos festivos, bem como da realização de entrevistas com as pessoas que concebem, cuidam, produzem e ornamentam as vestimentas, adereços e adornos que conformam o lugar festivo das Folias de Reis. Os debates e resultados parciais da pesquisa permitem compreender como as vestimentas cerimoniais colaboram para a

representação de diferentes comportamentos das pessoas em determinados espaços festivos e, ainda, como trazem novas identidades e personalidades para os foliões.

Palavras-Chave

vestimenta, Folia de Reis, paisagem, lugar festivo, geografia cultural

Introdução

O presente texto apresenta as questões centrais e os resultados provisórios de uma pesquisa em andamento comunicada no “Congresso Internacional ‘Festas, Culturas e Comunidades: Patrimônio e Sustentabilidade’”. Seu conteúdo se baseia em um projeto de iniciação científica desenvolvido no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, junto a estudantes do ensino médio-técnico integrado, com financiamento do Programa Jovens Talentos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa tem como objetivo analisar como os significados atribuídos pelos foliões aos trajes rituais participam da composição do espaço festivo das Falias de Reis, bem como a paisagem da cidade de Valença (estado do Rio de Janeiro) é vestida pela festa. De modo mais específico, a investigação busca caracterizar o significado das indumentárias utilizadas pelos foliões em suas celebrações; identificar a importância conferida às roupas dentro do contexto festivo; identificar as mudanças e permanências nas vestimentas das folias em Valença; bem como analisar a relação das vestimentas com as paisagens, territorialidades e lugares das festas e com outros elementos da identidade cultural local.

Considerando os avanços já realizados pelo projeto de investigação e considerando as discussões do seu conteúdo realizadas no referido congresso, neste texto apresentamos os principais avanços na revisão bibliográfica da pesquisa, que se concentram no esforço de compreensão da natureza e dinâmica dos espaços festivos e das vinculações entre as vestimentas e as identidades socioespaciais. Em seguida, dimensionamos as interações que já foram estabelecidas com os sujeitos de pesquisa e as incursões já feitas às espacialidades da festa até o presente momento.

Espaços Festivos

No campo das ciências sociais e humanas, os estudos das festas populares exploram um vasto campo de conhecimentos através de diferentes significações, sentidos, comunicações e culturas dentro de um espaço simbólico (Maia, 1999). De modo geral, a geografia cultural trata as festas vinculadas ao exame dos seus aspectos rituais e simbólicos ou das hierarquias que elas produzem dentro de classes sociais e de marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade, raça, etnicidade e geração.

A identificação das festas populares como assunto a ser tratado em trabalhos geográficos, embora recente, tem-se desenvolvido e se renovado, tendo se concentrado principalmente na análise dos momentos ritualizados das festas. A este respeito, Maia (1999) demonstra como a festa popular, quando se torna um momento esperado pelas pessoas, impacta em suas vidas cotidianas: “a festa popular, enquanto momento esperado, pode justificar atitudes extremas por parte dos participantes e gerar conflitos em outros planos da vida social rotineira” (p. 203). Tendo isso em vista, podemos assegurar que as geógrafas e os geógrafos se interessaram principalmente por essa dimensão por trás das festas populares e os comportamentos mobilizados pelos participantes para realizar seus atos em um determinado espaço já conhecido.

Assim, diferente do que compartilhamos e convivemos ao longo do ano nos espaços e lugares, as festas populares costumam trazer um sentimento de liberdade às pessoas participantes daquele momento. Maia (1999, p. 193), inspirado em Émile Durkheim e sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, chama a atenção para a festa como um evento de excessos e aproximações, já que a mesma usaria um espaço cotidiano para trazer um momento ritualístico caracterizado por momentos extraordinários das vidas pessoais e sociais.

O espaço é um objeto de estudo de caráter incontestavelmente importante para as perspectivas geográficas de análise social. Maia (1999) já chamava a atenção para o tópico “festa e espaço”, indicando que “grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõem para a sua realização (ponto central e entorno)” (p. 204). O autor chama a atenção ainda que, mesmo por breves momentos, a festa supera as expectativas econômicas impostas e que exigem com o passar do tempo que se tornem permanentes para aquele espaço cultural. A economia e a cultura vêm sendo as principais formas de ampliação de espaço para as festas. Maia (1999) ressalta que algumas festas “se assumiram enquanto eventos de organização empresarial” (p. 194), pois passaram a movimentar mais pessoas e dinâmicas econômicas para as festas populares regionais ou nacionais. Tudo isso amplia as perspectivas para a geografia cultural explorar as tradições vinculadas às festas e como elas abrem uma potencialidade para investigações em torno de comportamentos, vestimentas, paisagens, composição, crença e caracterização dos participantes. Desse modo, podemos salientar o sentimento de coletividade que as festas trazem enquanto representantes de um espaço para compartilhamento de gostos, crenças e diferentes saberes de uma mesma tradição.

A respeito das múltiplas características da festa, vale ainda destacar que ela possui não apenas uma dimensão espacial, mas também há a dimensão de temporalidade. As festas populares costumam ser anuais e acompanhar determinados ciclos. Por conta desse calendário, a expectativa pela chegada de cada festa é grande. Assim, como destaca Maia (1999), “além de colocar em cena a tradição, a temporalidade das festas populares manifesta-se ainda como um ‘momento esperado’” (p. 201). As espacialidades das festas são marcadas, portanto, por momentos de expectativa no entorno de seus pontos de encontro, contados pelos dias anteriores ao de festejo. Também a respeito do assunto, José Martins (2002) constatou que:

a festa, enquanto elemento inerente ao cotidiano, apresenta-se no contexto do trabalho rotineiro, nos momentos de fuga do tempo destinado à execução das tarefas. É nesse momento que o trabalhador “cria”, através da ação de livre expressão, um momento diferente, uma ruptura no tempo velho. (pp. 123–124)

Em síntese, o tempo ocuparia um sentido importante em nossas vidas, porque a marcaria mediante momentos de pré-festa e pós-festa. E, por consequência, esse tempo tão esperado (momento da festa) seria usado de respaldo para que as atitudes extraordinárias que temos nas festas fossem justificadas.

Considerando a festa que analisamos especificamente em nossa pesquisa, podemos destacar que as Folias de Reis saem nas ruas tradicionalmente com seus “giros” rituais para homenagear e comemorar o nascimento de Jesus (no dia 25 de dezembro) e, principalmente, comemorar as visitas dos três reis magos (Gaspar, Melchior – ou Belchior – e Baltazar) ao menino Jesus. A origem das Folias de Reis é associada a uma tradição religiosa, mais especificamente ligada ao catolicismo popular no Brasil, especialmente na região sudeste e junto a seus estados fronteiriços. As trajetórias são realizadas durante os finais de ano, por 12 dias, e têm início no dia 24 de dezembro (véspera de Natal), durando até o dia 6 de janeiro (data na qual os reis magos chegam a Belém). Há ainda outras folias que saem até o dia 20 de janeiro em homenagem a São Sebastião. Muitos grupos de folias fazem apresentações teatrais recitando versos em forma de cânticos bastante característicos nas casas dos fiéis e saem nas ruas de bairros em caminhada com cortejos que podem envolver teatro, música, canto, dança e ladainhas.

Pergo (2007), por intermédio da literatura, afirma que a tradição das Folias de Reis no Brasil teria chegado com os portugueses durante a colonização, pois se tratava de uma manifestação cultural da Península Ibérica, que realizava cantos e danças em casas e, posteriormente, envolvia presentes e doações dos residentes. A autora ressalta ainda que essa tradição teria sido repassada pelos jesuítas, no século XVI, como uma crença para catequizar sujeitos indígenas e negros escravizados e, dessa forma, hoje as folias teriam algumas variações dependendo da região em que elas se encontram. Já Lima et al. (2009) relatam que, mesmo que a tradição das folias tenha chegado por meio dos portugueses, a festa e a tradição brasileira teriam configurado uma forma diferente de festejo em relação à que ocorria em Portugal. Os autores relatam que em solo português a tradição era mais uma festa profana e no Brasil teria ganhado caráter mais religioso, talvez sagrado, do que a “folia” presente na tradição europeia.

Chaves (2014) apresenta em seu trabalho três diferentes variantes para a narrativa sobre a origem das Folias de Reis e como a tradição teria continuado com o tempo. Dessas diferentes variantes, duas são contadas através de transcrições, como versões de diferentes pontos de vista de dois mestres-foliões (ou “guias” ou “cabeças” de folia, como o autor descreve) das áreas rurais do município de Chapada Gaúcha, em Minas Gerais, e a versão presente no evangelho de Mateus da Bíblia. As duas primeiras versões apresentam características de narrativa bastante interessantes para nossa pesquisa, já que, ao longo das histórias contadas pelos foliões, eles apresentam

significados de elementos presentes nas folias que não eram do nosso conhecimento. A esse respeito, podemos citar o destaque do autor nas análises sobre visitas realizadas pelos foliões, sobre as toalhas usadas por alguns deles, que até o momento eram desconhecidas por nós, e que teriam sua origem ligada ao manto de Maria, dado de presente aos reis magos após ser cortado de forma igualitária entre eles e ser colocado ao redor do pescoço para sua identificação, uma vez que somente Maria teria aquele pano. Desta forma, o autor transcreve a fala de um “cabeça” de folia da região: “a toalha é a única coisa que divide o terno com os outros que vem na festa, visitar. Que às vezes a outra roupa é normal como dos outros, né?” (Chaves, 2014, p. 81). O autor ainda relaciona a versão bíblica com as outras como forma de explorar as histórias das Folias de Reis entre o mito e o rito.

Essa aproximação com interpretações sobre a origem das Folias de Reis é interessante para o nosso estudo porque permite uma primeira vinculação entre a nossa proposta de pesquisa e observações de campo com a tradição de estudos de algumas vertentes das ciências sociais e humanas. No caso mais específico da geografia, “esses fenômenos sociais podem ser interessantes porque todos os fatos já relatados acontecem num espaço, no caso um espaço de representação social com a presença de símbolos e signos” (Reis, 2009, p. 180), o que confirma as festas como objetos e perspectivas interessantes para o estudo das dinâmicas sociais e experiências vividas pelos grupos e sujeitos de uma cultura em seus espaços de referência.

Vestimenta, Identidade e Espacialidade

Como destacado por Maia (2015), nos estudos geográficos, as vestimentas comumente aparecem ligadas a outros processos espaciais, tais como as diferenças de gênero, classes sociais e hierarquias de poder. Apenas contemporaneamente a geografia, como ciência humana, passou a conceber a vestimenta como uma forma de “fala”. Com o desenvolvimento da geografia das vestimentas, a possibilidade de “ler” indivíduos e coletividades abriu um viés de estudo para a geografia acadêmica brasileira. Sousa (2021) destaca: “a esse respeito, pode não ser exagero afirmar que nós, geógrafos e geógrafas, nos constituímos enquanto uma comunidade, especialmente no Brasil, que carrega certo receio de indagar sobre os corpos” (p. 142). Diferentemente, a vestimenta tem ocupado um maior espaço nos estudos acadêmicos de ciências humanas e sociais.

Estudos realizados em uma região específica, efetuados a partir de trabalhos de campo, certamente construirão um modelo da vestimenta característica daquele território. Elementos específicos, ligados à cultura, espacialidade e divisão social apresentam questões associadas ao pertencimento, ao território, bem como ao processo de globalização no tempo contemporâneo. Destarte, Maia (2015) aponta diversas dimensões quanto aos significados espaciais das vestimentas:

vestimentas traduzem gêneros de vida, necessidades básicas, patrimônio e prazeres de determinado grupo; ou ainda, como indicam trabalhos contemporâneos, sua produção relaciona-se à globalização e à atual divisão espacial do trabalho, bem como a existência de relações de gênero na sua confecção. (p. 201)

O autor (Maia, 2015) destaca a análise dos diversos ângulos que uma vestimenta nos proporciona e que a torna num vasto campo de estudo para geógrafas e geógrafos que pretendem entender como aquela forma de expressão influencia, tanto indivíduos, quanto grupos em suas práticas. Maia, sugestionado por DaMatta (1997) ao introduzir as preposições “de” e “para” ao julgar os aspectos simbólicos que as roupas têm em diferentes espacialidades, abre um novo caminho de discussões para falar que os espaços de vestimenta estão ligados a visões de mundo ou éticas particulares. Acrescenta-se que, exemplificando o uso das preposições, Maia (2015) expôs que normalmente as roupas “de casa” são opostas de roupas “para a rua” e que, ademais, através da leitura de outros autores, podemos concluir que nosso vestuário “fala” e, por isso, as espacialidades criadas pela leitura dessas vestimentas podem variar ainda pelo conceito de vestimenta “de casa” e “para a rua”.

Sabemos que para a geografia o corpo como produtor de significados e relações com objetos materiais e não materiais é algo novo. A indumentária que os corpos carregam é um objeto que ainda está em análise por geógrafas e geógrafos, pois, como já apontado por alguns autores, a vestimenta é linguagem não-verbal, ela comunica quando palavras não são ditas. A este respeito, Sousa (2021) sugere que “tomada a partir de um ponto de vista geográfico, elas [as vestimentas] podem nos auxiliar na compreensão das múltiplas práticas constituídas entre grupos com diferentes marcações étnicas, raciais, culturais, de gênero, sexualidades, geração, classe e origem espacial” (p. 144). Sousa ainda destaca um diferente viés para a vestimenta, a de mediação de indivíduos com identidades sociais e culturais diferenciadas. A exemplo disso, temos a máscara pertencente aos palhaços de um grupo de Folia de Reis. Esses palhaços relatam que a máscara se mostra eficaz para produzir transformações/transmutações. Bitter (2013) chama a atenção exatamente para como as máscaras produzem essas transformações/transmutações: “a máscara mostra-se eficaz ao produzir transformações e, no contexto da performance do palhaço parece efetuar um intercâmbio entre personalidades, criando efetivamente um ‘outro’” (p. 145). O autor ressalta, ainda, como a indumentária utilizada pelos palhaços durante sua trajetória também pode ajudar a criar essa identidade diferente para os mesmos: “tudo isso indica serem a máscara e a indumentária uma extensão do corpo” (Bitter, 2013, p. 147), ou seja, essa extensão poderia ser uma identidade diferente da do cotidiano para eles.

Destarte, Sousa (2021) chama a atenção para como as vestimentas cerimoniais trazem uma outra relação corpo-indumentária para o que percebemos enquanto roupas cotidianas: “a vestimenta cerimonial permite uma transmutação do corpo comum em um corpo portador de singulares significações e especiais poderes de realização” (p. 156). Destaca-se ainda o modo como as vestimentas cerimoniais permitem que um indivíduo se encaixe em comunidade, grupo ou movimento de forma ritualística.

Apontamentos Sobre o Andamento da Pesquisa

Este texto, apesar de expressar parte dos desdobramentos de uma investigação de iniciação científica, apresenta, no entanto, resultados que ainda não são conclusivos

em função do acontecimento da pandemia que impossibilitou a realização de trabalho de campo como foi proposto inicialmente em nosso cronograma de pesquisa. Porém, apesar dessas adversidades, foi possível desenvolver algumas atividades de pesquisa, o que nos permitiu a realização da comunicação no “Congresso Internacional ‘Festas, Culturas e Comunidades: Patrimônio e Sustentabilidade’”.

Nesse sentido, é importante destacar que inicialmente a nossa metodologia contemplava a observação participante de natureza etnográfica das Folias de Reis, para além da consulta de textos acadêmicos no âmbito da geografia da vestimenta, da materialidade da cultura, da relação da geografia com os meios de contextualização (espaços, objetos, locais, etc.). Como já referido, os desdobramentos relacionados à COVID-19 não permitiram realizar parte desses objetivos iniciais. Porém, com o desenvolvimento das vacinas contra a COVID-19 e com a melhoria da situação higiênico-sanitária da cidade de Valença, percebemos que poderíamos tentar entrar no campo e realizar algumas atividades de pesquisa presencialmente com os foliões, dando seguimento aos principais objetivos do projeto. Dessa forma, a nossa metodologia foi redefinida, incluindo, além da observação participante, a realização, análise e interpretação de entrevistas com os componentes das Folias de Reis. Desse modo, foram feitos primeiros contatos com os foliões e algumas observações de campo foram possíveis, mesmo no contexto pandêmico.

Como primeira ação para a realização das atividades, elaboramos um diário de campo para a descrição das observações e relatos das primeiras impressões sobre o que acompanhamos e interpretamos como significativo para a nossa pesquisa. De início, descrevemos e relatamos apenas pequenas coisas que aconteciam próximo à casa da bolsista e que eram de nosso alcance, como um morador do bairro apenas escutando áudios da festa ao invés de se juntar a outros membros das Folias de Reis e foliões que passavam com as bandeiras nas casas sem estarem com seus grupos completos em função do distanciamento físico-social.

Em seguida, pudemos começar a participar de eventos que aconteciam relacionados às Folias de Reis, com colaboração do tio da autora, que é folião há muito tempo e que se interessou pela proposta do projeto. Mesmo que ele não seja um mestre-folião da folia em que sai, é de grande confiança nos grupos e, dessa forma, poderia nos ajudar a contatar os mestres e participar desses eventos, além de elucidar possíveis dúvidas. Com as medidas preventivas da pandemia afrouxando, conseguimos ter mais acesso a atividades que ocorreriam presencialmente e pudemos aprimorar o diário de campo com a descrição das observações de eventos em que participamos. Destacamos, nessa direção, as observações quanto ao período dos giros das Folias de Reis no ano de 2021, no qual saíram pelas ruas sete folias, e em muitas delas conseguimos observar e analisar de perto as vestimentas cerimoniais e as paisagens diferentes que elas criavam para as ruas e a cidade.

Conforme as etapas previstas no projeto, começamos também a planejar e organizar as entrevistas, que ocorrerão de forma presencial. Foi elaborado um roteiro para a realização das entrevistas e, após revisá-lo, aprovamos o conjunto de perguntas que

iremos seguir durante as entrevistas. Através das nossas participações em eventos com Folias de Reis, conhecemos e apresentamos nossa proposta a alguns mestres que poderiam ser de grande valia para o aprofundamento da pesquisa, tendo recepção positiva e consentimento para a realização das entrevistas.

As entrevistas ainda serão realizadas em uma futura data a ser marcada. Porém, apesar de não termos, ainda, resultados conclusivos da nossa pesquisa, já temos noções de como as vestimentas e os acessórios presentes nas Folias de Reis em Valença podem possuir significados diferentes dentro da caracterização das folias e que também podem criar uma identidade diferente para as folias e os foliões dentro de suas tradições e subjetividades específicas. Podemos também entender como as indumentárias utilizadas pelas folias criam uma paisagem e espacialidade diferente para a cidade durante o período da sua trajetória e como elas vestem a cidade a partir de suas roupas e composição cenográfica.

Considerações Finais

O presente texto expôs os resultados parciais e os elementos de fundamentação teórica de um projeto de iniciação científica vinculado à educação básica que tem por objetivo geral analisar o modo como os significados atribuídos pelos foliões aos trajes rituais participam da composição do espaço festivo das Folias de Reis, bem como a paisagem da cidade é vestida pela festa. A partir desse objetivo geral, temos realizado uma investigação embasada em tópicos mais específicos, tais como caracterizar o significado das indumentárias utilizadas pelos foliões em suas celebrações, identificar a importância conferida às roupas dentro do contexto festivo, identificar as mudanças e permanências nas vestimentas das folias em Valença e analisar a relação das vestimentas com as paisagens, territorialidades e lugares das festas e com outros elementos da identidade cultural local.

Na concretização da pesquisa, a nossa metodologia tem sido fundamentada na revisão bibliográfica sobre a relação entre as festas e os rituais, as vestimentas e as identidades, bem como sobre as materialidades nas Folias de Reis no contexto da cidade de Valença. Para além do enquadramento teórico elaborado neste texto, apresentamos também elementos que nos permitem dimensionar os processos de preparação e realização da observação participante e da condução de entrevistas com guardiões da memória das folias valencianas.

Com os avanços que conseguimos realizar até o momento, algumas interpretações já podem ser indicadas. Os resultados que obtivemos até o momento nos mostram que as vestimentas cerimoniais colaboram para a representação de diferentes comportamentos das pessoas em determinados espaços festivos e em diversos momentos durante as festas e, ainda, podem conferir uma nova identidade aos foliões, se analisadas na época de realização de seu tradicional ritual. As primeiras etapas de realização do projeto nos permitiram ter um contato inicial com as Folias de Reis da cidade e já com um olhar mais sensível aos diversos elementos presentes nelas, já que a bolsista foi criada tendo contato com as Folias de Reis em casa e apenas a partir da

pesquisa pode perceber que certos elementos poderiam ter uma outra simbologia e poderiam produzir outras imagens e paisagens dentro da cidade e das ruas. Com o afrouxamento das medidas sanitárias da cidade de Valença (Rio de Janeiro), local da nossa pesquisa, poderemos dar continuidade ao projeto por mais um período até que possamos ter resultados mais consolidados.

Agradecimentos

A autora agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pelo financiamento do trabalho por meio da bolsa de estudos do Programa Jovens Talentos.

Referências

- Bitter, D. (2013). Bandeiras e máscaras: Sobre a relação entre pessoas e objetos materiais nas Folias de Reis. In J. R. Gonçalves, N. P. Bitar, & R. S. Guimarães (Eds.), *A alma das coisas. Patrimônios, materialidade e ressonância* (pp. 123-154). FAPERJ; Mauad X.
- Chaves, W. (2014). A origem da Folia de Reis na tradição oral: Variações de um mito. In H. Oliveira (Ed.), *Mitos, folias e vivências* (pp. 65-88). Bapera; Mauad X.
- DaMatta, R. (1997). A casa e a rua. Rocco.
- Lima, R. C. D., Pereira, J. D. S. N., & Delconti, W. L. (2009, 27-30 de outubro). *A influência da Folia de Reis enquanto fator educacional nas comunidades em que se apresenta* [Apresentação de trabalho]. VI Encontro Internacional de Produção Científica, Paraná, Brasil. <https://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/6168>
- Maia, C. E. S. (1999). Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: Proposições sobre festas brasileiras. In R. L. Corrêa & Z. Rosendhal (Eds.), *Manifestações da cultura no espaço* (pp. 191-218). EDUERJ.
- Maia, C. E. S. (2015). Geografia das vestimentas: Dos clássicos às tendências. *Boletim Goiano de Geografia*, 35(2), 195-215. <https://doi.org/10.5216/bgg.v35i2.37427>
- Martins, J. C. O. (2002). Festa e ritual, conceitos esquecidos nas organizações. *Revista Subjetividades*, 2(1), 118-128. <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1146>
- Pergo, V. L. (2007). Os rituais na Folia de Reis: Uma das festas populares brasileiras. In *Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades - ANPUH* (pp. 1-9). <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>
- Reis, F. P. (2009). As festas populares religiosas: Abordagem espacial de uma manifestação cultural em Arara, estado da Paraíba. *Geo UERJ*, 2(20), 168-186. <https://doi.org/10.12957/geouerj.2009.1434>
- Sousa, P. P. A. (2021). Vestir para crer: As vestimentas cerimoniais na conformação do lugar festivo do congado. In C. E. S. Maia, J. F. R. Moreira, & R. L. Tuma (Eds.). *Corpos cobertos, desnudos, espacialidades: Vestimenta, roupa, traje, fantasia e moda na geografia* (pp. 141-183). Paco Editorial.